Regularidades no fenômeno da concordância verbal em variedades do português brasileiro: estudo sociolinguístico comparativo

(Regularities in the verbal agreement phenomenon in varieties of Brazilian portuguese: a comparative sociolinguistic study)

Cássio Florêncio Rubio

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

cassiorubio@yahoo.com.br

Abstract: In this paper, we will present a comparative study of the verbal agreement (VA henceforth) of third person of the plural (3PP henceforth) among the dialect of the Northwest area of the State of São Paulo (RUBIO, 2008) and other varieties of the State of São Paulo (GAMEIRO, 2005 and MONTE, 2007, for the Central area) and of other states (SCHERRE; NARO, 1998, for Rio de Janeiro; MONGUILHOTT; COELHO, 2002, for Santa Catarina; RODRIGUES, 1997, for Acre and SILVA; LUCHESI 2006, for Bahia). For the analysis of the phenomenon, we ran over the Theory of Linguistic Variation (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). The *corpus* used for analysis of the dialect of the Northwest area of the State of São Paulo comes from the database Iboruna, and it is composed of 76 interviews, stratified evenly by the social factors *education*, *age* and *gender*.

Keywords: linguistic variation; verbal agreement; Brasilian Portuguese.

Resumo: Buscaremos, neste trabalho, apresentar um estudo comparativo da concordância verbal (CV, daqui em diante) de terceira pessoa do plural (3PP, daqui em diante) entre o dialeto da região Noroeste do Estado de São Paulo (RUBIO, 2008) e outras variedades do Estado de São Paulo (GAMEIRO, 2005; MONTE, 2007, para a região Central) e de outros estados (SCHERRE; NARO, 1998, para o Rio de Janeiro; MONGUILHOTT; COELHO, 2002, para Santa Catarina; RODRIGUES, 1997, para o Acre e SILVA; LUCHESI, 2006, para a Bahia). Como subsídio principal para a análise do fenômeno, recorremos à Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). O *corpus* utilizado para análise do dialeto da região Noroeste do Estado de São Paulo provém do Banco de Dados Iboruna, e compõe-se de 76 entrevistas, estratificadas uniformemente mediante os fatores sociais *escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*.

Palavras-chave: variação linguística; concordância verbal; português brasileiro.

Introdução

A variação de córpus de estudo (ou amostra de fala de uma comunidade) é sempre uma boa justificativa para qualquer estudo de natureza sociolinguística, visto que todo e qualquer dialeto, linguisticamente heterogêneo por natureza, é único, em relação aos demais com os quais possa ter algo em comum.

Deve-se ter claro que somente por meio de uma pesquisa variacionista, centrada em amostras de fala atuais da comunidade, é possível detectar mudanças ou variações da fala local em relação a dialetos de outras regiões. Além de importante contribuição para a caracterização dessa comunidade de fala, consideramos que este estudo, a exemplo de outros dessa mesma natureza, poderá representar valioso subsídio para a amenização de preconceitos linguísticos, principalmente os advindos de variantes regionais, e para a relativização da noção de “erro”, uma vez que buscaremos descrever o padrão real de uso da língua oral, que, por vezes, é desqualificado e banido como expressão linguística natural, conforme salienta Mollica (2003).

Conforme afirma Gnerre (1987, p. 4):

> Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos” quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos “externos” pelo prestígio das línguas no plano internacional.

Segundo Naro (2003), ainda que as organizações sociais de cada comunidade linguística possam possuir certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Teyssier (1982, p. 79), a respeito da variação linguística em uma comunidade de fala, desta forma se posiciona:

> A realidade, porém, é que as divisões dialetais no “Brasil” são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.

1. Pressupostos teóricos: a CV no Português Brasileiro

Sob a vertente variacionista, dentre os estudos já realizados sobre a CV, podemos citar o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para o dialeto carioca; o de Nina (1980), para o dialeto da Região Bragantina; o de Nicolau (1984), para o dialeto mineiro; o de Rodrigues (1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a fala culta carioca; o de Rodrigues (1997), para o dialeto de Rio Branco; o de Anjos (1999), para a fala pessoense; o de Monguilhott e Coelho (2002), para a fala da Região Sul, o de Silva e Luchesi (2006), para comunidade afro-brasileira isolada da Bahia, os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (2007), para a fala da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina), os estudos de Rubio (2007, 2008), para a região noroeste do estado de São Paulo (região de São José do Rio Preto), além das inúmeras contribuições de Naro e Scherre (1999, 2000a, 2000b, 2003 e 2007) e Scherre e Naro (1993, 1997, 1998, 1999, 2001, e 2006).

No tocante à determinação dos contextos de variação, Naro (2003) adverte que, em um modelo quantitativo de análise, devem ser selecionados os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer ou refrear o uso de uma ou outra variante. Nos estudos sociolinguísticos brasileiros, vários fatores linguísticos e sociais já se mostraram relevantes para o estudo da CV.

Dos **fatores linguísticos** já comprovados correlacionarem-se à variação da CV, há aqueles relacionados diretamente a propriedades do verbo, como *transitividade* e *tipo morfológico*, aqueles relacionados diretamente ao SN-sujeito, como, por exemplo, *traço*

semântico do sujeito, tipo estrutural e *referencialidade,* e aqueles que explicitam a relação SN-sujeito/verbo, como *paralelismo formal* e *posição do sujeito em relação ao verbo.*

Dentre os **fatores externos** ao sistema linguístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala. Fatores sociais inerentes aos falantes são, por exemplo, *faixa etária, escolarização, gênero, nível sócio-econômico,* os quais influenciam conjuntamente sua produção linguística. Ligado ao evento de fala, o contexto é também uma variável externa capaz de influenciar a produção linguística do falante, já que cada indivíduo possui um repertório linguístico que varia dependendo de onde se encontra e da pessoa com quem fala. Situações mais informais de interação sugerem menor preocupação com a aplicação de concordância (MOLLICA, 2003).

O intuito principal desse trabalho é apontar as regularidades a respeito do fenômeno da CV no PB.

2. Análise dos resultados

Foi analisado, para a região de São José do Rio Preto, um total de 3.308 ocorrências de 3PP, dentre as quais 70% (2.314/3.308) apresentavam marcação de plural, enquanto 30% (994/3.308) não apresentavam a aplicação da CV.

A comparação dos resultados obtidos, com os resultados evidenciados em outras regiões do Estado de São Paulo e, posteriormente, com resultados obtidos em outros estados brasileiros, aponta semelhanças e discrepâncias de valores para a aplicação de CV em variedades do PB.[1] Vejamos as tabelas 1 e 2:

TABELA 1: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS ANALISADO E PERCENTUAL DE APLICAÇÃO E NÃO-APLICAÇÃO DE CV EM REGIÕES DO ESTADO DE SÃO PAULO

Estado de São Paulo	Região Noroeste	Região Central	
	S. J. do Rio Preto (RUBIO, 2008)	**Araraquara** (GAMEIRO, 2005)	**São Carlos** (MONTE, 2007)
Presença de CV	70 % (2.314/3.308)	45% (627/1.399)	25% (247/1.000)
Ausência de CV	30% (994/3.308)	55% (772/1.399)	75% (753/1.000)

Ao se compararem os índices apresentados, pode-se verificar uma acentuada discrepância entre o percentual de aplicação da CV evidenciado na região de São José do Rio Preto e o percentual verificado por Monte (2007) (25%), em amostras de fala referentes à cidade de São Carlos, localizada na região central do Estado de São Paulo, o que se justifica pela estratificação social dos informantes selecionados, também divergente, visto terem sido considerados nessa pesquisa somente informantes com baixa ou nula escolaridade, escolha que reflete o índice de aplicação de CV, segundo estudos evidenciados anteriormente e como iremos demonstrar no decorrer de nossa análise.

Os resultados de Gameiro (2005), obtidos para o estudo da CV na cidade de Araraquara (45%), também localizada na região central do Estado de São Paulo, encontram-se em uma faixa intermediária em relação aos resultados obtidos para a região de São José do Rio Preto e aos resultados de Monte (2007). Diferentemente de

[1] As comparações interdialetais foram realizadas sempre que os trabalhos acima citados apresentassem resultados para as variáveis mencionadas e sempre que houvesse semelhança, ainda que parcial, para os fatores de cada grupo.

Rubio (2008), a autora incluiu na estratificação de suas amostras de fala também informantes de escolaridade nula, fato que pode explicar a queda na frequência geral de aplicação da CV.

Ao se considerarem, porém, estudos realizados para outras variedades do PB, como o apresentado na tabela a seguir, pode-se observar que os resultados obtidos para São José do Rio Preto se aproximam relativamente dos resultados obtidos por Scherre e Naro (1998), por Monguilhott e Coelho (2002) e por Rodrigues (1997) e, por outro lado, evidenciam uma distância considerável em relação aos percentuais obtidos por Silva e Luchesi (2006), que mais se aproximam dos obtidos por Monte (2007).

TABELA 2: PERCENTUAL DE APLICAÇÃO E NÃO-APLICAÇÃO DE CV EM DIFERENTES VARIEDADES DO PB

Brasil	**SJRP – SP** (RUBIO, 2008)	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1998)	**Florianópolis – SC** (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)	**Rio Branco – AC** (RODRIGUES, 1997)	**Bahia** (SILVA; LUCHESI, 2006)
Presença de CV	70%	73%	79%	58%	16%
Ausência de CV	30%	27%	21%	42%	84%

A semelhança de resultados apresentada entre Rubio (2008) e o estudo de Scherre e Naro (1998) pode ser explicada, em parte, pela consideração, no primeiro, de uma estratificação social relativamente semelhante a dos autores, seja nos níveis de escolarização (3 níveis) ou seja nas faixas etárias (4 faixas). No estudo de Monguilhott e Coelho (2002), do mesmo modo, há uma semelhança parcial na estratificação dos informantes, os quais foram divididos em três faixas etárias e dois níveis de escolarização (quatro anos e 11 anos), que correspondem exatamente aos níveis de escolaridade máximo e mínimo do estudo de Rubio (2008), e a frequência de plural apresentada foi de 79%. Rodrigues (1997) investigou apenas informantes com escolaridade nula, baixa ou média, ou seja, informantes analfabetos, com 1 a 4 anos de escolarização e com 5 a 8 anos de escolarização, e obteve uma frequência de CV de 58%.

Os resultados apresentados por Silva e Lucchesi (2006) são de uma comunidade rural afro-brasileira isolada, onde a estratificação social dos informantes é prejudicada por questões como, por exemplo, a nula escolarização de quase todos os membros da comunidade, o que pode explicar os índices discrepantes em relação aos estudos apresentados para outras regiões.

Com base nos percentuais de aplicação e não aplicação da CV e no conhecimento das respectivas estratificações sociais de cada pesquisa é possível afirmar que há uma relação direta entre o aumento da escolaridade e o maior índice de pluralização dos verbos, pois para amostras de informantes de menor nível de escolaridade (SILVA; LUCCHESI, 2006; MONTE, 2007) os índices de CV são extremamente baixos, para amostras que contemplam informantes com níveis mais elevados de escolaridade, os índices tendem a ser mais elevados (SCHERRE; NARO, 1998; MONGUILHOTT; COELHO, 2002; RUBIO, 2008).

Dos fatores sociais e linguísticos propostos para a análise, todos se mostraram relevantes, em maior ou menor nível, por ordem de significância indicada pelo pacote estatístico VARBRUL. Passamos a expô-los, levando em consideração a hierarquia

decrescente de importância na aplicação de CV na variedade de São José do Rio Preto e procedendo a possíveis comparações com outros trabalhos.[2]

2.1 Paralelismo formal - nível oracional

O grupo de fatores *paralelismo formal de nível oracional* foi proposto devido à hipótese de que as marcas formais existentes no sujeito tendem a se repetir também no verbo (POPLACK, 1980; NARO, 1981). Dessa forma, caso existam marcas formais de plural no sujeito, a expectativa é a de que existam marcas de plural no verbo que o acompanha; do contrário, se não houver marcas de pluralização no sujeito, a tendência é de que não haja também marcas de pluralização no verbo subsequente.

Na comparação dos resultados apresentados em quatro estudos realizados para o PB (tabela 3), evidencia-se um comportamento regular do grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional.*

Tabela 3: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *paralelismo formal – nível oracional*, obtidos em quatro pesquisas

Variedade / **P.Formal – Nível oracional**	**S.J. Rio Preto** (RUBIO, 2008)	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1993)	**Florianópolis** (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)	**São Carlos** (MONTE, 2007)
presença de plural no último elemento do SN	.56	.56	.54	.62
ausência de plural no último elemento do SN	.17	.17	.32	.19
presença de plural no último elemento de um SPrep	.50	.61	-	-
ausência de plural no último elemento de um SPrep	.37	.24	-	-
numeral	.47	.34	.53	-
neutralização	.50	.58	-	-

Com a observação da tabela acima é possível notar que os pesos relativos referentes a esse grupo de fatores possuem grande proximidade de valores nos estudos apresentados (valores exatamente iguais, se comparados os fatores *presença e ausência de plural no último elemento do SN-sujeito* (v. ocorrências (1a) e (1b), respectivamente), em Scherre e Naro (1993) e em Rubio (2008) (.56 e .17)).

Ao se considerarem outros fatores, como, por exemplo, *presença e ausência de plural no último elemento de um SPrep inserido em um SN-sujeito*, nota-se que não há total convergência entre os valores, pois no estudo de Scherre e Naro (1993), a presença de plural no SPrep (v.(1c)) eleva o valor além do atingido pelo fator *presença de plural no último elemento do SN-sujeito*, o que não ocorre em Rubio (2008), o qual apresenta um peso relativo intermediário para esse fator.

---

[2] A opção de escolha da amostra de São José do Rio Preto como base comparativa deveu-se à seleção, por parte do pacote estatístico Varbrul, de um maior número de fatores relevantes, incluindo os fatores sociais escolaridade, gênero e faixa etária. Cabe lembrar que somente a seleção do grupo como relevante permite a comparação dos pesos relativos.

(01) a. *os médicos* **chegaram e falaram** que ele teria que amputar a língua.
[AC-001, l.76]

b. hoje em dia *os homem* **tão traindo** igualmente não sei quem dos dois trai mais...
[AC-056, l.365]

c. éh *os meninos... das escolas públicas* **tavam** com essa... com esse problema
[AC-113, l.276]

Observando-se os resultados apresentados na tabela acima, para as variedades do PB pesquisadas, é possível concluir que o fator *presença de marcas de plural no último elemento do SN-sujeito* influencia positivamente a marcação de plural nos verbo e o fator *ausência de marcas de plural no último elemento do SN-sujeito* exerce influência contrária à marcação de plural nos verbos.

É importante notar que os estudos considerados acima consideraram informantes com perfis sociais diferentes e obtiveram as mesmas tendências gerais de comportamento, ou seja, ainda que a amostra linguística possua informantes com baixo nível de escolarização (como as consideradas por MONTE, 2007), observou-se um comportamento, na pesquisa, muito semelhante às demais pesquisas.

2.2 Escolaridade

Para o grupo de fatores *escolaridade*, a hipótese inicial era a de que um aumento da escolaridade do informante e, consequentemente, um maior contato com a norma culta presente no ambiente escolar acarretariam um maior índice de pluralização verbal.

Tabela 4: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *escolaridade*, obtidos para três variedades do PB[3]

Variedade / Escolaridade	**S.J. Rio Preto** (RUBIO, 2008)	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO,1998)	**Rio Branco** (RODRIGUES, 1997)
1 a 4 anos (1º ciclo do EF)	.28	.39	.44
5 a 8 anos (2º ciclo do EF)	.40	.56	.66
9 a 11 anos (Ensino Médio)	.52	.58	-
mais de 11 anos (Ensino Superior)	.73	-	-

Destacamos a grande regularidade evidenciada no aumento dos índices de CV para os informantes da região de São José do Rio Preto.

Ainda que os índices apresentem diferenças sensíveis de valores, se comparados os três estudos, eles se mostram crescentes em relação direta com a escolaridade dos informantes. Para a variável *escolaridade*, há a comprovação, já mencionada anteriormente, de que existe uma relação direta entre o aumento da escolaridade e o aumento da CV.

2.3 Paralelismo formal – nível discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo*, a expectativa era a de que os contextos em que os verbos anteriores fossem marcados com o plural favorecessem a marcação de plural nos verbos posteriores (SCHERRE; NARO, 1993),

[3] O comparativo de três pesquisas se deve a não seleção desse fator como relevante por parte das outras pesquisas, o que impede a geração de pesos relativos; ou, ainda, pela divergência na estratificação do córpus.

seguindo-se os mesmos parâmetros adotados na categoria *paralelismo formal de nível oracional*. Por outro lado, verbos antecedidos de verbos sem a marcação de plural refreariam a aplicação da CV.

Por meio da comparação dos resultados obtidos em Rubio (2008) com os de Scherre e Naro (1993), para o grupo de fator *paralelismo formal – nível discursivo*, é possível observar o comportamento regular desse grupo, dada a proximidade dos valores dos pesos relativos para todos os fatores, como revelam os resultados comparativos da tabela 5.

Tabela 5: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *paralelismo formal – nível discursivo*

Variedade / **P. Formal – Nível Discursivo**	**S. J. Rio Preto** (RUBIO, 2008)	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1993)
verbo anterior c/ marca de plural	.64	.65
verbo anterior s/ marca de plural	.12	.19
verbo isolado ou primeiro	.50	.48

Para o fator *verbo anterior com marca de plural* (v.(2a)), o peso relativo evidenciado em Rubio (2008) é de .64, ou seja, praticamente o mesmo apresentado em Scherre e Naro (1993) (.65). Para os outros contextos, ainda que não haja igualdade numérica, os valores apresentados evidenciam comportamento semelhante, ou seja, o fator *verbo anterior sem marca de plural* (2b), considerando os números apresentados nas duas pesquisas (.12 e .19), influencia a não aplicação da CV. Para os verbos isolados ou primeiros de uma série (2c), da mesma forma, apenas dois décimos separam os resultados de uma pesquisa e outra (.50 e .48).

(02) a. *eles* **conseguiram** fazer crescer um pouco mais e:: mesmo assim **ficaram** com bastante fazen::da

[AC-045, l. 175]

b. lá *eles* **entra** na religião deles ... **começa** a falar bonito falar ... gritado ... sapatear **vira** bispo

[AC-147, l. 225]

c. Inf: *eles* **sabiam** que... havia uma competição porque aquilo lá valia.

[AC-146, l. 248]

2.4 Saliência fônica

Para este grupo de fatores, verifica-se na bibliografia pesquisada que formas mais salientes de plural em relação às suas formas singulares (3a) tendem a ser mais marcadas do que as formas plurais menos salientes (3b), ou seja, oposições mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural (v. LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1997, SCHERRE; NARO, 2006, dentre inúmeros outros).

(03) a *as crianças* não **são /** (é) feitas prá/ prá::/ prá bater nelas...

AC-004, l. 260

b quando *as jabuticabas* **nasciam /** (nascia)... que estavam na época de colher

AC-031, l. 24

Na tabela 6, observa-se que o aumento do nível de saliência fônica acompanha o aumento do percentual de CV. Para os verbos em que a saliência fônica entre a forma plural e a singular é menos perceptível (*mínima diferenciação fonológica* (RUBIO,

2008) e *nível 1 - oposição não-marcada/não-acentuada* (NARO; SCHERRE, 1999; MONGUILHOTT; COELHO, 2002)), os pesos relativos atingem, no máximo, o valor de .46. Contudo, para as ocorrências em que há grande saliência fônica entre a forma singular e a plural (*máxima diferenciação fonológica* (RUBIO, 2008) e *nível 2 – oposição marcada/acentuada* (NARO; SCHERRE, 1999; MONGUILHOTT; COELHO, 2002)), os valores se situam entre .64 e .88.

Tabela 6: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *saliência fônica*, obtidos em quatro pesquisas

variedade / **Saliência Fônica**	**S.J. Rio Preto** (RUBIO, 2008)	**Variedade** / **Saliência Fônica**	**Florianópolis** (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)	**Rio de Janeiro** (NARO; SCHERRE, 1999)
mínima diferenciação fonológica - nasalização da vogal final não-acentuada e/ou adição de uma semi-vogal, sem envolvimento mudanças no radical	.37	**nível 1 –** oposição não-acentuada (sem mudança da vogal na forma plural)	.02	.15
		nível 1 – oposição não-acentuada (com mudança da vogal na forma plural)	.46	.37
média diferenciação fonológica - alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical	.62	**nível 1 –** oposição não-acentuada (acréscimo de segmento na forma plural)	.13	.38
		nível 2 – oposição acentuada (mudança na qualidade da vogal da f. plural)	.88	.64
máxima diferenciação fonológica - total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical	.72	**nível 2 –** oposição acentuada (acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas)	.65	.67
		nível 2- oposição acentuada- (acréscimo de segmentos e mudanças na forma plural)	.75	.75

Tem-se a confirmação, pelos resultados apresentados, da influência da saliência fônica na CV, com a tendência de maior marcação de plural nos verbos que possuem maior saliência entre a forma singular e a plural, e menor marcação de plural para verbos com menor saliência fônica entre plural e singular.

2.5 Posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo

Considerando que o PB é uma língua do tipo SVO (*sujeito* + *verbo* + *objeto*), que admite variação nesse padrão de ordenação, admite-se para esse grupo de fatores posições do sujeito anteriores e posteriores ao verbo, controlando ainda a distância de um em relação ao outro.

Como já mencionado, diversos trabalhos empíricos demonstraram que sujeitos distantes de seus verbos (como em (4a)), ou sujeitos em posição pós-verbal (como em (4b)), distantes ou não do verbo, tendem a enfraquecer a CV (cf. LEMLE; NARO, 1977).

(04) a *os artista*... quando acompanhado dos segurança nem **olha** pros fã...

[AC-015, l.287]

b acho que já **tava pra chegar** *as férias* aí eu acho que eu fiquei uma semana

[AC-006, l. 101]

Para Pontes (1989), o SN-sujeito posposto pode apresentar características de objeto, o que dificultaria a marcação de concordância.

Antes de propormos um comparativo de resultados, cabe-nos ressaltar que a divisão de fatores utilizada em Rubio (2008), para o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo,* foi baseada na divisão proposta por Naro e Scherre (1999) para dados do português arcaico escrito. Para dados do português falado, outras divisões podem ser propostas, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 7: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*, obtidos em pesquisas sobre o PB

S. J. Rio Preto (RUBIO, 2008)		**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1998)		**Florianópolis** (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)		**São Carlos** (GAMEIRO, 2005)		**Rio Branco** (RODRIGUES, 1997)	
suj. pré-verbal dist. 0-2 sílabas	.53	**suj. imediata-mente anteposto ao verbo**	.62	**SN anteposto**	.58	**suj. anteposto**	.69	**imediata-mente antes do verbo**	.58
suj. pré-verbal dist. 3-10 sílabas	.50	**sujeito anteposto distante do verbo de 1 a 4 sil.**	.55	-	-	-	-	**pré-verbal e separado do verbo**	.49
suj. pré-verbal dist. mais de 10 síl.	.48	**sujeito anteposto do verbo distante mais de 5 sil.**	.39	-	-	-	-	-	-
suj. pós-verbal	.10	**sujeito posposto**	.08	**SN posposto**	.17	**suj. posposto**	.54	**pós-verbal**	.17

Não há uniformidade na divisão desse grupo de fatores, visto alguns autores se utilizarem apenas de duas categorias de classificação para o grupo de fatores (MONGUILHOTT; COELHO, 2002; GAMEIRO, 2005), enquanto outros autores propõem uma divisão em quatro categorias (SCHERRE; NARO, 1998, por exemplo). Entretanto, é possível notar semelhança parcial entre os resultados (observação horizontal da tabela), pois, para sujeitos pré-verbais, nota-se, nas pesquisas, uma tendência desse fator influenciar positivamente a aplicação da CV (PRs de .53, .62, .58, .69, .58). Na observação da categoria *sujeito pós-verbal* (sujeito posposto ao verbo), considerando os pesos relativos apresentados, é possível afirmar que essa categoria influencia negativamente a CV (PRs de .10, .08, .17, .54, .17).[4]

Ao considerar o estudo realizado por Scherre e Naro (1998), chega-se à conclusão de que, à medida que o sujeito distancia-se do verbo, gradativamente esse deixa de influenciar positivamente a aplicação da CV, visto haver uma diminuição dos PRs, afirmação constatada na leitura vertical da tabela, que indica os seguintes PRs: .62, .55, e .39. Da mesma forma, em Rubio (2008), ainda que de forma menos discreta, uma leitura vertical aponta os seguintes PRs .53, .50, e .48. A diferença entre os resultados apresentados por Scherre e Naro (1998) e os resultados apresentados para as amostra de São José do Rio Preto podem, então, residir na opção de categorização do grupo de fatores, considerando uma pesquisa realizada para o português escrito do período arcaico. Uma categorização semelhante à de Scherre e Naro (1998) poderia evidenciar diferentes resultados.

[4] O peso relativo (.54) apresentado por Gameiro (2005), para o fator *sujeito posposto*, a princípio, pode contradizer o afirmado, porém, ao efetuar uma análise comparativa com a outra categoria proposta pela autora (*sujeito anteposto*, PR de .69), é possível afirmar que essa categoria influencia positivamente a aplicação da CV e a categoria *sujeito posposto* influencia negativamente a CV (v. NARO, 2003, p. 24).

2.6 Traço semântico do sujeito

A hipótese para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito* é de que um sujeito que apresente traço *[+humano]* (v. (5a)) tenda a um maior índice de aplicação da CV do que um sujeito que não tenha características humanas (MONGUILHOTT; COELHO, 2002). Da mesma forma, acredita-se, que sujeitos animados (v. (5b)) apresentem maior frequência de CV que sujeitos inanimados (v. (5c)).

(5)

a. *as enfermeiras* éh::... **iam** no quarto e **falavam**

[AC-102, p.1, l.21]

b. só pá quem *as vaca* **conhece** assim... que vai bastante... daí... to/ vai assim todo dia...

[AC-004, p.7 l. 311]

c. então... lá pelas seis... *os móveis* **tava chegando** de caminhão lá no sítio

[AC-009, p.3, l.121]

Tabela 8: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito*

Variedade / traço do suj.	S. J. Rio Preto – SP (RUBIO, 2008)	Rio de Janeiro (SCHERRE; NARO, 1998)	Florianópolis-SC (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)
humano	.53	.53	.55
animado	.47		-
inanimado	.34		-
não-humano	-	.29	.28

Na tabela 8, apresenta-se o comparativo de resultados de Scherre e Naro (1998), Monguilhott e Coelho (2002) e Rubio (2008), para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito*. Para as amostras do Rio de Janeiro e de Florianópolis, nota-se a enorme semelhança de resultados, apresentada tanto para o fator *traço [+ humano]* (.53 e .55) quanto para o fator *traço [- humano]* (.29 e .28) Ainda que não haja a mesma categorização do grupo, se considerarmos as amostras da região de São José do Rio Preto, é possível notar que sujeitos com traço *[+ humano]* têm o mesmo comportamento nas três pesquisas (mesmo valor, em SCHERRE; NARO, 1998 e RUBIO, 2008 (.53)), ou seja, contribuem para a aplicação da CV; sujeitos com traço *[-humano]* (animados (.47) ou inanimados (.34)) influenciam negativamente a CV.

2.7 Faixa etária[5]

O fator *faixa etária* permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos anos que separam os dois grupos.

Segundo Naro (1981), não é possível prever os resultados para a variável faixa etária, ou seja, não há um movimento único no PB, seja ele de aquisição de marcas de plural, seja ele de perda de marcas de plural, ao longo dos anos, o que Naro e Scherre (1991) denominaram de *fluxos e contrafluxos* dos fenômenos sociolinguísticos do PB.

[5] Ainda que o grupo de fatores faixa etária tenha sido controlado por outras pesquisas, não houve, em algumas delas, a seleção desse fator como relevante, o que inviabiliza o estudo comparativo nesses casos.

Tabela 9: Pesos relativos de aplicação da CV para o grupo de fatores *faixa etária*, obtidos em pesquisas sobre o PB

Variedade / Faixa etária	**S.J. Rio Preto** (RUBIO, 2008)	Variedade / Faixa etária	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1998)
7 a 15 anos	.39	**7 a 14 anos**	.41
16 a 25 anos	.50	**15 a 25 anos**	.47
26 a 35 anos	.44	**26 a 49 anos**	.56
36 a 55 anos	.56		
mais de 55 anos	57	**50 a 71 anos**	.53

Se faixas etárias mais elevadas tivessem maior propensão a manter a regra de CV e se houvesse uma gradação ascendente, partindo das menores faixas etárias (7 a 15 anos/7 a 14 anos) e culminando nas maiores faixas (mais de 55 anos/50 a 71 anos), seria possível afirmar, com certeza, que estamos diante de uma mudança em progresso. Observando-se somente os extremos da tabela, temos, nas duas pesquisas, uma elevação dos valores dos pesos relativos. Para a faixa de menor idade (7 a 15 anos/7 a 14 anos), temos os valores .39 e .41, enquanto, para a faixa etária de maior idade (mais de 55 anos/50 a 71 anos), os valores se elevaram .57 e .53.

Um fato relevante a ser considerado e que pode explicar o menor índice de CV da faixa etária compreendida entre 7 e 15 anos é que não há, nessa faixa etária, informantes de nível superior, já que os informantes entrevistados, e quaisquer outros jovens com o limite de idade de 15 ou 14 anos, cursaram, no máximo, até o 1º ano do ensino médio. Conforme citado anteriormente, o grau de escolaridade é um fator de grande relevância para o aumento da frequência e probabilidade de aplicação da CV.

Vale a pena observar, no gráfico 1, a oscilação dos valores entre as faixas etárias, principalmente as intermediárias, tanto em Rubio (2008), quanto em Scherre e Naro (1998), o que confirma os "fluxos e contrafluxos" para a CV.
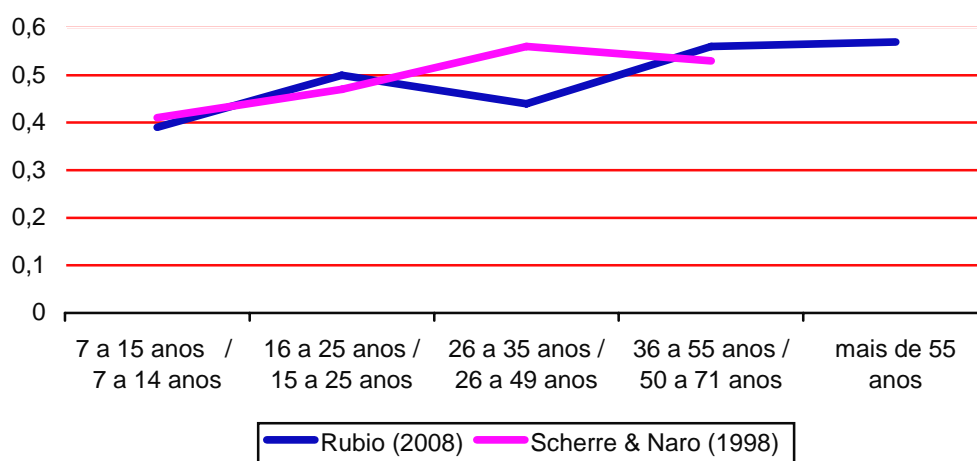
Gráfico 1: Comparativo de pesos relativos para a variável faixa etária

2.8 Gênero

Nas comunidades urbanas do mundo ocidental, há uma tendência de que falantes do gênero feminino usem mais as formas de prestígio que falantes do gênero masculino, ou seja, normalmente os representantes do gênero feminino buscam aproximar sua fala

da variedade culta e da norma-padrão (WOLFRAM, 1969; TRUDGILL, 1974; GUY, 1981). Além disso, esse segmento social se mostra mais conservador se as mudanças linguísticas operam em sentido oposto à variedade culta; do contrário, é mais inovador quando a mudança privilegia a forma mais prestigiada (CALLOU, 1979; RODRIGUES, 1987).

Ao compararmos a atuação do grupo de fatores *gênero* na CV para diferentes variedades do PB, podemos notar grande regularidade nos resultados, os quais confirmam a premissa sociolinguística de maior tendência de representantes do gênero feminino seguirem os padrões normativos da língua, principalmente para um fenômeno estigmatizado socialmente, como é o caso da CV.

Tabela 10: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *gênero*, em variedades do PB

Variedade / Gênero	**S. J. Rio Preto – SP** (RUBIO, 2008)	**Rio de Janeiro** (SCHERRE; NARO, 1998)	**Rio Branco** (RODRIGUES, 1997)	**São Carlos** (MONTE, 2007)
masculino	.47	.45	.46	.45
feminino	.53	.54	.53	.55

3. Considerações finais

Baseando-se nos itens precedentes, apresenta-se, nessas considerações finais, um breve resumo do que foi tratado, destacando as principais conclusões a que se pode chegar.

Diante dos resultados apresentados para a CV, em diferentes variedades do PB, foi possível, em primeiro lugar, detectar que se trata de um fenômeno de variação, em que a variante padrão (presença da forma plural nos verbos) pode ou não prevalecer sobre a variante não-padrão (ausência da forma plural nos verbos), a depender, entre outras coisas, de fatores sociais, em especial o nível de escolaridade dos falantes. Os percentuais gerais de CV, para as variedades consideradas, confirmam a afirmação de Teyssier (1982) de que "as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que socioculturais", visto haver uma considerável divergência entre os valores apresentados para variedades do estado de São Paulo, devido aos diferentes níveis de escolaridade dos informantes e, por outro lado, haver uma relativa semelhança entre os percentuais apresentados por pesquisas que consideraram variedades de estados diferentes, como Santa Catarina, Acre e Rio de Janeiro. As constatações a respeito do fenômeno da CV, principalmente as disparidades de percentuais apresentadas para variedades do estado de São Paulo, confirmam um problema de ordem social, o enorme abismo que separa as classes sociais inseridas em um mesmo espaço geográfico.

Uma das propostas deste trabalho foi apontar que, ainda que haja dessemelhanças sociais entre os falantes, seja na comunidade de fala de cada variedade, ou mesmo ao se considerar as diferentes comunidades pesquisadas, isso não impede que eles estejam sujeitos às mesmas "pressões" exercidas pelos fatores internos, ou seja, a diferença social não impede que o falante não realize a pluralização nos verbos em dados contextos. Foi o que verificamos, por exemplo, pela grande regularidade de valores apresentados para o grupo *paralelismo formal de nível oracional*, seja para pesquisas que consideraram falantes com níveis mais elevados de escolaridade, seja para pesquisas que consideraram falantes com níveis mínimos de escolaridade. O mesmo se verificou para outros fatores, como o grupo *posição do sujeito*, evidenciando

a propensão de todas as variedades do PB e todas as faixas sociais pesquisadas para a não realização da CV em contexto de posposição do sujeito.

Para a variável faixa etária, contrariamente às pesquisas para outros fenômenos do PB, que podem apontar para uma mudança em progresso, os resultados apresentados não foram capazes de subsidiar tal afirmação, pois, como já visto, oscilaram de forma assistemática.

Para o fator social gênero, foi possível confirmar totalmente a hipótese clássica da sociolinguística, que pressupõe maior repulsão às formas não-normativas estigmatizadas por parte do gênero feminino, pois, em todas as variedades pesquisadas, as mulheres se mostraram mais propensas ao não apagamento do plural nos verbos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. 1999. 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1979. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.

GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, G. R. *Linguistic variantion in Brasilian Portuguese*: Aspects of the Phonology, Syntax and Language History. 1981. Ph.D. (Dissertation) - University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981. (mimeografado).

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelfia: University of Pensylvania Press, 1972.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBRAL/Fundação Ford, 1977.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística:* o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 189-216.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação*: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

______. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Teoria Linguística*: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 383-401.

______. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Eds.). *O português brasileiro*: pesquisas e projetos. Frankfurt am Main: TFM, 2000a. p. 167-188.

______.Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MCWHORTHER, J. (Org.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000b. p. 235-255.

______. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 26-37.

______. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; TARALLO, Fernando. (Orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos* 20. Campinas, UNICAMP/IEL, 1991. p.9-16.

NARO, A. J. The social and Structural Dimensions of a Syntatic Change. *Language*, LSA, v. 57, n. 1, 1981.

NICOLAU, E. M. D. *A ausência de concordância verbal em português:* uma abordagem sociolinguística. 1984. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Letras, UFMG,Belo Horizonte, 1984.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980. Dissertação (Mestrado) – PUC/RS, Porto Alegre, 1980.

PONTES, E. *Sujeito*: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1989.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto R ico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

RODRIGUES, A. C. S. A *concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. Tese (Doutorado). FFLCH, USP, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1997.

RUBIO, C. F. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, p.1-14, 1993.

______. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

______. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.) *Dialettologia, geolinguistica, sociolinguística*. Centro di Studi Filogici e Linguistici Sicilliani. Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1998.

____. *Shifting control*: the use of agreement in written language. Annual Meeting of the Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asina & African Languages, 1999.

______. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural? *Papia - Revista de crioulos de base Ibérica*, Brasília: Thesaurus, p. 41-50, 2001.

______. *Mudança sem mudança*: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 1, n. 18, p. 162-185, 2006.

SILVA, J. A. A.; LUCCHESI, D. *A variação na concordância verbal no português afro-brasileiro.* Disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/antigo/morfo.htm. Acesso em: 19 abr. 2006.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics*: an introduction. Great Britain: Penguin Books, 1974.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WOLFRAM, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1969.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

RUBIO, C. F. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável *gênero/sexo. Estudos Linguísticos*, Araraquara, v. 36, n. 1, p. 380-388, 2007.